



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Porto Alegre - 10 a 12 de Novembro de 2021

IV Colóquio Internacional Fenomenologia e Enfermagem

Realização

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
Universidade Federal Fluminense (UFF)
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Apoio

Programa de Pós Graduação em Enfermagem - UFRGS

Organização do evento

Escola de Enfermagem - UFRGS

Local / Data

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
10 a 12 de Novembro de 2021

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

S471a Colóquio Internacional Fenomenologia e Enfermagem (4. : 2021 : Porto Alegre, RS)

Anais [recurso eletrônico] / 4. Colóquio Internacional Fenomenologia e Enfermagem; Organização: Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Coordenação: Leticia Becker Vieira, Maria da Graça Corso Motta, Márcio Wagner Camata, Leticia Becker Vieira, Tassiane Ferreira Langerdorf . – Porto Alegre: UFRGS, Escola de Enfermagem, 2021.

E-book.

Evento realizado de 10 a 12 de novembro de 2021.

ISBN: 978-65-5973-092-6.

1.Enfermagem - Eventos. I. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Enfermagem. III. Vieira, Leticia Becker. IV Título.

CDU 614

CATALOGAÇÃO NA FONTE: NALIN FERREIRA DA SILVEIRA CRB10/2186

O USO DA PRÓPRIA VOZ COMO RECURSO NO TRABALHO DE PARTO: UMA INVESTIGAÇÃO DA ENFERMAGEM EM HEIDEGGER

Priscila Paiva de Almeida Mendonça; Marcele Zveiter; Letícia Becker Vieira

Introdução: Este resumo tem como tema o uso da própria voz como um recurso no trabalho de parto. Uma investigação da enfermagem em Heidegger apresentada em modelo de monografia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). A pesquisa foi motivada pela pré-reflexão acerca da prática assistencial e a importância de compreender as manifestações comportamentais da mulher no trabalho de parto, tomado aqui como um fenômeno relacionado à fisiologia. Ao retomarmos o solo da tradição, foi possível identificar que a discussão sobre a expressão das mulheres no trabalho de parto possui um caráter sociocultural. Ainda é complexo, para parte da sociedade e algumas culturas, o entendimento da resposta primitiva que media a comunicação e o comportamento no trabalho de parto fisiológico. O desdobramento deste fato é uma organização de assistência ao parto que, muitas vezes, reprime a liberdade de expressão e a autonomia da mulher sobre uma função básica do sistema reprodutivo¹. A partir do solo da tradição se desenhou o estudo que aqui se apresenta. A investigação do uso da própria voz no trabalho de parto teve como intenção a compreensão do Ser a partir das significações da sua vivência, no contexto da mundanidade do ser-mulher-que-usa-a-própria-voz-no-trabalho-de-parto. **Objetivo(s):** O objetivo foi compreender o significado atribuído pelas mulheres ao uso da própria voz no trabalho de parto. **Métodos:** O estudo possui caráter qualitativo descritivo fundamentado no referencial teórico-filosófico-metodológico de Martin Heidegger. A questão norteadora da pesquisa foi: “Qual é o significado atribuído pelas mulheres ao uso da própria voz no trabalho de parto?”. Após autorização do Comitê de Ética e Pesquisa da UERJ, com o parecer número 29733719.0.0000.5282, os dados foram coletados através de entrevistas fenomenológicas com 20 mulheres brasileiras, entre 25 e 59 anos de idade, que vivenciaram o parto fisiológico de risco habitual. Os critérios de exclusão foram: idade menor de 18 anos e ter sido submetida a qualquer intervenção farmacológica. Dentre os locais dos partos, foram relatados que 08 ocorreram em ambiente hospitalar público, 06 em ambiente hospitalar privado, 05 em ambiente domiciliar e 01 no carro, durante o trajeto para o hospital. A captação das mulheres se deu pela técnica Snowball. O ponto de partida foi uma mulher semente chave que, no período da captação, participava de uma rede de mães, profissionais e gestantes. As entrevistas ocorreram de abril/2020 a junho/2020, no primeiro ano da pandemia por Coronavirus Disease 2019 (COVID-19) e devido ao isolamento social horizontal, os encontros ocorreram por chamadas de vídeo utilizando o aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamada de voz e vídeo para smartphones denominado WhatsApp. O primeiro contato com as mulheres indicadas se deu através deste aplicativo, com um convite feito de forma dialógica e posteriormente foram marcados os encontros em datas e horários seguindo a preferência de cada mulher. Apesar das limitações impostas, foi possível realizar encontros virtuais em ambientes privativos e familiares escolhidos pelas participantes, para que elas sentissem segurança e liberdade ao acessarem e discutirem sobre as suas vivências². Uma conversa breve sempre era iniciada para que ambas, pesquisadora e participante, se apresentassem. Além disso, se reafirmava a intenção da escuta das impressões e do que foi vivido em seus partos, sem expectativa de resposta específica ou correta. Em seguida, o formulário contendo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) era enviado e preenchido através da ferramenta Google Forms, a gravação era então acionada e dava-se início às entrevistas. O seguinte questionamento: “Como foi para você usar a

sua voz no trabalho de parto?” foi a pergunta da investigação para desvelamento do *quem*, pensada e formulada com o intuito de permitir que a mulher narrasse sua história de forma subjetiva, sem pressupostos. O tom da pesquisa, em forma de diálogo fluido, possibilitou uma aproximação entre entrevistadora e entrevistada e assim foi favorecida a liberdade para falar. E apesar do desafio do distanciamento físico, a empatia foi a mediadora na captação de como o outro significa o fenômeno. Isso ocorreu pela percepção de olhares, de gestos, na troca de sorrisos e, principalmente, na escuta atenta e acolhedora. Deste modo, as entrevistas tiveram o movimento de abertura, proporcionando o desvelar do *ser*, como se mostra por si, através do discurso³. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e o que foi ouvido em cada encontro pode ser retomado na memória ao longo do processo de análise compreensiva e interpretativa. Este movimento gerou para as pesquisadoras a própria experiência de abertura para outro e desvelamento do *quem*, o ser-mulher-que-usa-a-própria-voz-no-trabalho-de-parto. **Resultados e discussão:** A análise ocorreu em dois momentos metódicos - a compreensão vaga e mediana, seguida da hermenêutica. Pela análise compreensiva, foram formuladas duas unidades de significação. O uso da própria voz no trabalho de parto se expressa como: 1 - Liberdade, uma força que vem de dentro pra fora facilitando o trabalho de parto; 2 - Medo, grito desesperado ou calado por vergonha e receio. O significado atribuído pelas mulheres ao uso da própria voz no trabalho de parto foi uma voz que liberta, em conexão com as dores do trabalho de parto, de dentro para fora, e facilita o nascimento. E também, uma expressão do medo do sofrimento, desvelado ao incomodar o outro. Esse conceito compreendido foi o fio condutor para análise interpretativa. Na interpretação, fundamentada pela filosofia de Martin Heidegger, a mulher que usa a própria voz no trabalho de parto é ser-aí, lançado no mundo, em um tempo que possui uma configuração de mundanidade. O ser-mulher compartilha o mundo em que vive e é tocada pelo que vem de encontro nele. Convivendo com outros na cotidianidade, sua presença é pública e deve atender ao ideal de existência determinado e se torna assim, o ser impessoal. Entretanto, ao usar a própria voz no trabalho de parto o Ser não se limita à medianidade de comportamento imposto pelo impessoal, e desnivela a sua possibilidade de ser. O ser-mulher-que-usa-a-própria-voz-no-trabalho-de-parto enfrenta um medo desvelado na suposição do incômodo ao outro, uma vez que o medo é um modo da sua disposição, de se relacionar e descobrir o mundo. Esse medo, uma ameaça estranha, mas familiar pois já se conheceu por mitos e vivências anteriores, revela o temor do sofrimento por usar a voz. Somente quando algo nos falta, falha ou se torna um obstáculo, é que seu significado se torna manifesto, como o tempo no mundo sendo si-mesmo. O que não se torna possível frente a indiferença do Ser impessoal com a finitude do ser-para-a-morte⁴. Perdida no impessoal da cotidianidade, mas vivendo as dores do trabalho de parto, quando a mulher se lança na dor e no instinto, ela se projeta para morte em sentido próprio. Ser-para-a-morte em sentido próprio é liberdade de angustiar-se e a partir da angústia encontrar a singularidade do seu ser⁵. O ser-mulher-em-trabalho-de-parto usa a voz vinda de dentro de si, provinda da sua conexão com as dores, facilitando o trabalho de parto para si mesma. **Considerações finais:** O período de desenvolvimento da pesquisa foi atravessado por uma pandemia. Como reflexo disso, a limitação do estudo residiu nas entrevistas fenomenológicas por meio virtual, cabendo às pesquisadoras grande esforço e reflexão para adaptação do método. Esse desafio deve ser discutido e refletido pelos pesquisadores da presente abordagem, pois barreiras como o momento pandêmico atual nos exige refinamento das habilidades características da entrevista fenomenológica. A hermenêutica do estudo foi o sentido do uso da própria voz no trabalho de parto como o clamor nascido de si, provindo de sua conexão com as dores, facilitando o trabalho de parto para si. Em que o ser-mulher-que-usa-a-própria-voz-no-trabalho-de-parto, o ser-em, com o ser-no-mundo da cotidianidade, apela pela presença e pelo cuidado para que assim possa alcançar o seu poder-ser mais próprio durante o

trabalho de parto. Para a enfermagem, compreender o sentido do uso da própria voz no parto potencializa a abertura no cuidado profissional. O envolvimento da equipe na redução de aspectos da assistência que potencializam o medo das mulheres, como o caráter limitador que o ambiente pode assumir, é um desdobramento possível do presente estudo. Por fim, recomenda-se que mais investigações se debruçam sobre o cuidado da enfermagem tomando como ponto de partida o ser-mulher-que-usa-a-própria-voz-no-trabalho-de-parto.

Descritores ou palavras-chave: Parto; Filosofia; Pesquisa Qualitativa; Enfermagem

Referências:

1. Odent M. Nascimento do homo, o chimpanzé marinho: quando a ferramenta se torna o senhor. Rio de Janeiro: Instituto Michel Odent, e. 1, 2018
2. Paula CC, Padoin SMM, Terra MG, Souza IEO, Cabral IE. Modos de condução da entrevista em pesquisa fenomenológica: relato de experiência. Rev Bras Enfermagem[*internet*]. 2014 [citado 20 set 2019];67(3):468-72. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/0034-7167.20140063> doi: 10.5935/0034-7167.20140063.
3. Vandermause RK, Fleming SE. Philosophical Hermeneutic Interviewing. International Journal of Qualitative Methods [*Internet*]. 2011 [cited 2020 Jan 9];10(4):367–77. Available from: <https://doi.org/10.1177/160940691101000405> doi: 10.1177/160940691101000405.
4. Heidegger M. Todos nós... ninguém: um enfoque fenomenológico do social. São Paulo: Moraes; 1981.
5. Heidegger M. Ser e tempo. 10. ed. Schuback MSC, translator. Petropolis: Vozes; 2015. 600 p.